



**Converging Disensus, Cultural Transformations,  
and Corporate Cultures: Canada and the Americas**

Edited by Patrick Imbert

Ottawa:

Research Chair on Social and Cultural Challenges in a  
Knowledge-Based Society

2006

Table of contents

**Introduction**

*Patrick Imbert*

**Cultural changes and economic liberalism in Canada and in the Americas**

*Patrick Imbert*

**Corporate culture and governance: Canada in the Americas**

*Gilles Paquet*

**America's differentiated congregational citizenship:**

**The development of different fields of conscience  
as a condition for socio-economic transformation**

*Roque Callage Neto*

University of Brasilia

*Versão seguinte em português, no prelo. Publicado originalmente na versão canadense inglesa da presente capa*  
(2006) **CONVERGING DISENSUS Cultural Transformations and Corporate Cultures**  
CANADA AND THE AMERICAS. Ottawa : University of Ottawa

## Cidadania Congregativa Diferenciada Americana

O desenvolvimento de campos diferenciados de consciência  
como condição para transformação sócio-econômica

Roque Callage Neto\*

### Resumo

As Américas enfrentam novos desafios no século XXI. Transformações econômicas e sociais no continente tomam lugar no contexto de zonas fronteiriças, inter-relacionadas ou fraturadas, resultado do mundo europeu historicamente dividido e fragmentado datado inclusive antes de Colombo.

Neste contexto, diferentes campos de consciência emergem e se tornam zonas de relevância econômica e cultural diferenciadas, que também contribuem para aprimorar diferentes competências e ampliar a **Americanidade**. Este último conceito difere fortemente da percepção aristocrática européia de “Mundo ocidental” e da visão parcial estadunidense de Americanização bem como do assim chamado “latino-americanismo” francês, que influenciou a América Ibérica desde o século XIX. As recentes retomadas federativas reagrupam novas organizações em regiões de Mercado conectadas e tentam estabelecer novos tratados comerciais substituindo o primeiro Pan-Americanismo sob o suporte do sistema da Organização dos Estados Americanos. Esta situação abre uma agenda de extremo pluralismo e multiculturalidade vinculada a novas associações e aspecto particular trans-americano dá sentido a uma nova mobilidade social emergente no meio de uma sociedade civil tornada mais ampla. Esta mobilidade toma lugar graças à contribuição do desenvolvimento do Capital Social.

A convergência entre zonas sobre a necessidade de aprimoramento de Governança revela que o enfoque uniforme anterior não foi efetivo.

Por exemplo, uma melhor alocação de níveis de capital não resolveria o *gap* de assimetria entre os Estados Unidos e outras regiões. Seguindo a nova tendência, uma **Americanidade** madura elaboraria uma concepção pós-européia, que poderia ampliar as tradições civis em uma quarta geração de **cidadania congregativa**. Ela reuniria direitos civis baseados em políticas multiculturais, direitos femininos ampliados, habilidades intergeracionais entre outras, em um modelo de *democracia multidimensional e empreendedorismo social*. Esta nova dinâmica buscando aprimorar a qualidade de vida no amplo compartilhado continente já foi colocada em movimento, por exemplo no Canadá, que é seguidamente tomado como exemplo de transformações sociais e culturais.

---

\* Agradeço a **Patrick Imbert** e **Moisés Balestro** por boas idéias proporcionadas a este texto.

<b>1. Hermenêutica</b>	<b>5/.</b>
<b>2. Cidadania e Diferente Consciência</b>	<b>9/.</b>
<b>3. Economia, Cultura e História</b>	<b>11/.</b>
<b>4. Panamericanismo e Americanidade Cívica</b>	<b>17/.</b>
<b>5. Sociedade Civil e Capital Social</b>	<b>18/.</b>
<b>6. Padrões Emergentes</b>	<b>21/.</b>
<b>7. Conclusões</b>	<b>26/.</b>

### “A América é um eco da Europa, porque não tem História”

Georg Wilhelm Friedrich Hegel

Hegel via a América como um eco da Europa em sua “Filosofia da História”<sup>1</sup>, uma entidade sem personalidade moral e nenhuma identidade formada através da Ética – considerada como a passagem do Absoluto à História. Hegel nunca entendeu o que parecia ser um paradoxo para os pensadores europeus (excluindo, por exemplo, Alexis de Tocqueville). Os americanos alcançaram a ética sem seguir a hierarquia europeia, reinventando sua história fragmentada em uma sociedade civil diferenciada.

Esta foi a peculiar contribuição americana ao mundo, mesmo com a existência de notáveis contrastes entre as partes nortistas e sulistas do continente.

A *primeira* experiência desta nova perspectiva foi desenvolvida nos séculos XVI e XVII quando povoadores, colonizadores e conquistadores, viveram experiências comuns de penetrante percepção de ruptura com o mundo corporativo de onde tinham vindo.<sup>2</sup>

A *segunda* experiência os levou à auto-percepção de serem diferentes. Originalmente, as pessoas que se moveram para as Américas foram perseguidas como “outros” a quem as Coroas Absolutistas Europeias queriam removidas do velho continente por causa de

1. seus **credos religiosos** (judeus e protestantes)
2. suas **perspectivas políticas** como niveladores ingleses ou huguenotes franceses que estavam sendo enviados para o Caribe.
3. suas **dívidas** como trabalhadores desempregados ou como membros da pequena nobreza que tinham empréstimos com as Coroas.
4. e finalmente seus **status** como ladrões ou criminosos que fingiam lealdade para escapar de vários anos de prisão.

Para a Igreja Católica, as Américas eram o lugar ideal para purgar a Europa como mostrada na Divina Comédia de Dante Alighieri.<sup>3</sup> Entretanto, os protestantes assumiam ser eleitos por Deus para fundar uma nova terra. Depois de abandonar o Rei James, os peregrinos

<sup>1</sup> Hegel, George W.F. (2001) **Philosophy of History**. Kitchener, CA: Batoche Books p.104.

<sup>2</sup> Morse, Richard (1985). **O Espelho do Próspero**. Cultura e Idéias nas Américas. São Paulo. Cia. das Letras

<sup>3</sup> Nas descrições de Dante Alighieri, Elizabeth Cancelli registra ressentimentos e percepções míticas de um local para ser pessoalmente purgado. Ver Cancelli, Elizabeth, América da (des)ilusão: ressentimento e memória, in *Colóquio Internacional "Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível"*. IFCH, Unicamp, 2000.

ingleses foram profundamente influenciados pelo pensamento Hebraico e Mosaico, aparecendo na legislação civil de Massachussets e nos seus nomes de Jacob, Abraham, Mordechai e nomes femininos de Abigail, Eva, Rachel, dirigidos pela esperança de recriarem um Éden.

Exatamente no fim do século XVII, a acentuada divisão entre os americanos fez emergir agentes oligárquicos no sul e delegados comunitários auto-representados no norte. Tornou-se evidente uma progressiva dispersão de *campos estruturados da ação interpretativa europeia* que haviam tido seu começo mesmo antes de Colombo e a Renascença.<sup>4</sup>

Para compreender a complexidade destes deslocamentos de paradigmas nas Américas, utilizaremos três aspectos:

1. um quadro geral baseado em hermenêutica e variadas teorias interpretativas.
2. mostraremos que a ação hemisférica americana está formando lentamente uma cidadania peculiar através da sua História.
3. traremos um pequeno painel da atividade comercial inglesa do século XIX entre as nações independentes e sobre o conceito criado de Pan-americanismo, bem como as atenções do século XX voltadas para a implementação dos **Estados de Bem Estar**.

Finalmente, analisaremos as novas sociedades civis emergentes interamericanas entre seus Estados-Nações com uma quarta geração recente de direitos cívicos e sua tendência contemporânea de construção de Capital Social, permitindo uma formação de **cidadania congregativa diferenciada**. Hipoteticamente, pode antecipar modelo específico supranacional para o século XXI.

### **1.Hermenêutica**

Através da hermenêutica usaremos a teoria construtivista fenomenológica como caminho para observar as profundas, variadas e extensas diferenças bem como homogeneidades nas Américas.

Esta teoria tem enfoque baseado no desenvolvimento comparado, uma vez que há tempos sociais simultâneos e amplas heranças sócio-genéticas através do continente. As Américas de modo particular, reconfiguram padrões culturais dinâmicos de uma sociedade baseada no **conhecimento**.

---

<sup>4</sup> Morse, op.cit.; Freyre, Gilberto (1947) **Interpretação do Brasil**. Rio: José Olympio, Smith, Anthony (1998) **Nationalism and Modernism: A Critical Survey of Recent Theories of Nations and Nationalism**. London: Routledge

Uma primeira reflexão sobre uma sociedade baseada em conhecimento consideraria que ela não é completamente nova. O que realmente importa com relação ao século XXI, é o uso de *cadeias combinadas de conhecimento* como elementos de produção de muito mais alta complexidade. Qualquer trabalho baseado em conhecimento varia amplamente em quantidade e tipo dos empregos de baixo talento à pesquisa de extrema qualificação.

Em qualquer caso, isto significa uma revolução em educação formal e uma diversificação na cultura. Há consenso entre vários autores sobre este ponto principal.<sup>5</sup> As cadeias advêm do construtivismo interpretativo emergindo de conhecimento tácito através de representação institucionalizada e o valor adicionado. Estes valores adicionados se sustentam de intercâmbio ampliado em relações entre seres humanos e deles com elementos naturais. O processo estimula cooperação e racionalidade agregada que desenvolvem diferentes campos de consciência relacionados uns aos outros. Sincronias ou dispersões entre elites são conciliadas nestes campos.<sup>6</sup>

Esta perspectiva, quando aplicada às Américas evita a regular tendência de examinar nossas sociedades seja através de teorias homogêneas como o bem conhecido estrutural-funcionalismo com seus *universais evolucionários* ou através do *marxismo-estrutural francês* e suas relações dialéticas entre aparatos sociais<sup>7</sup>. Esta última tendência segue o pensamento marxista do século XX lidando com externalização e reprodução de formas de capital de zonas específicas para criar outras formações de dependência imitadas. Cobre uma vasta literatura de teorias imperialista do capital financeiro<sup>8</sup>. Embora verificando o desenvolvimento desigual na relação de capitais com a periferia, esta teoria homogênea deixou lacunas sobre a reconstrução interna dos diversos estratos das sociedades a partir do próprio *capital original* e diferentes combinações que fizeram com fontes externas avançadas do mesmo capital reformado.

---

<sup>5</sup> Arthur, Bryan (2000) .Myths and Realities of the High-Tech Economy , *Conference at Leader Forum*, New Mexico:USA; Courchene,Thomas (2002) **State of Minds**: Toward A Human Capital Future for Canadians.Montreal: IRPP; Castels, Manuel (1999). **A Sociedade de Rede**.São Paulo: Paz e Terra; Drucker, Peter(1994).**A Sociedade Pós- Capitalista**. São Paulo: Pioneira; Touraine, Alain (1992)**Critique de la modernité** Paris : Fayard

<sup>6</sup> Schutz, Alfred (1972) “Choice and the Social Sciences,” in **Life-World and Consciousness**, Lester Embree, Ed. Evanston: Northwestern University Press, p. 565-596

Elias, Norbert (1990). **Envolvimento e Alienação**.Rio: Bertrand  
(1992). **O Processo Civilizador**. Vol.2.Rio: Bertrand

<sup>7</sup> O conceito de pesquisa de Parsons, Talcott (1966) **Societies: Evolutionary and Comparative Perspectives**. Columbia: Columbia University deu a noção de estrutura e funções que foram adotadas no marxismo por Poulantzas, Nicos(1971). **Poder Político e Classes Sociais**. Porto: Portucalense

<sup>8</sup> Brewer Anthony (1980) **Marxist Theories of Imperialism** A Critical Survey London Routledge and Kegan Paul

Finalmente, a sobrevivência de funções estruturais como conflito renovado pela urbanização da vida, da Escola de Chicago, também foi incapaz de fazer frente a surpreendentes recriações rápidas e complementares de espaço e tempo. Uma suposta *competição biótica estressante* entre os seres humanos, hoje é considerada como primeira condição do aumento ampliado da cooperação reconhecida<sup>9</sup>. O paradigma da Escola de Chicago forneceria elementos para sustentar visão radical de uma modernização neutral a-histórica, que não é modernidade, porque supõe uma permanente busca de competição seletiva entre *os mais capazes* como *solidariedade funcional natural da escassez*. Esta visão ajudou a guiar um planejamento de Estado pela noção micro-sociológica da competição individual, favorecendo teorias de liberalismo radical individualista. Porém, **processos de grandes ciclos transformadores** mostram que padrões constantes de busca, seleção e variação na dimensão evolucionária aparecem como destruições criadoras que não perdem, mas combinam elementos em oposição, viabilizando novas ampliações de conhecimento. Nunca são uma estática competição a-histórica.<sup>10</sup> Como se verá, as Américas também manifestam estas dinâmicas em sociedades cooperativas expandidas, isto é, de inclusão com reconhecimento, pela teoria sociológica que lhes dá fundamento. Composições superiores reformam memórias longas anteriores..

Embora aceitando evidência marxista de que formas sociais de relações produtivas se baseiam em reprodução de ciclos longos com resultados econômicos, a natureza das formações sociais não deriva primariamente de conflitos de classe como função de forças produtivas sobre relações de produção. Ao invés desta formulação, resultam de *integração dividida de habilidades diferenciadas*: na ampliação de trabalho, a integração toma lugar por um conflito sobre produção de informação e aprendizado dentro do conhecimento cooperativo e sua utilidade, de acordo com *zonas de relevância aplicada*. Se habilidades cooperativas ampliadas não alargam graus de cada zona de relevância aplicada e não recompensam a contribuição de cada uma, a conformidade

---

<sup>9</sup> A idéia razoável de estabilidade das instituições dependendo de tempo e espaço foi o elemento central da Escola de Chicago e de Parks, Robert, (1950). **Collected Works**. Sociological Theory of Deviance. Chicago Univ. Press. mas eles não dependem tanto de competições entre grupos seletivos quanto de cooperações, como mostrado por Maturana, Humberto, and Varela, Francisco (1995). in **Autopoiesis: la Organización de lo Viviente**. Santiago: Universitaria

<sup>10</sup> Tessaleno Devezas argumenta convincentemente que o processo crítico de auto-organização de leis de poder obedece multiníveis em sistema que permite flexibilidade necessária para evolução e aprendizado em grandes transições. Verifica-se empiricamente que a mudança está a serviço do aprendizado, em processos de continuidade. In Devezas, Tessaleno et Modelski, George. Power law and world system evolution: a millennial learning process. Holland: **Technological Forecasting & Social Change**, n°70, 2003, pp.819-859

marginal que se segue aí gera sentido de estratificação de classe ou conflito de classe ao longo do conhecimento comum aplicado.<sup>11</sup> Funções corporativas então emergem em *diferenciação escalar associada* e produzem direitos particulares de propriedade, vantagens especiais em contratação de trabalho, distribuição e preço. Karl Marx incluía esta operação como parte da *mais-valia*, embora a concentração de riqueza não seja inevitável, pois que ela pode retornar à escala remunerando produção sucessiva e aumentar o modo como o trabalho baseado em conhecimento é normalmente organizado.

Por isto, a *ação estratégica individual racional* também não é a única causa de ação no mercado difuso, porque o ator compartilha diferenças primárias por sentido tácito ou explícito e a percepção de pertencer a campos relacionados de conhecimento. Há grupos, e cada grupo de campo tenta ganhar retornos crescentes para cada ação, clamando benefícios crescentes que gerará para todos. O resultado pode ser uma **congregação** de campos diferenciados de valor de conhecimento, sustentando retornos crescentes que podem reduzir o custo da informação.

Estas evidências foram primeiramente registradas no trabalho de Alfred Schutz<sup>12</sup>, reconhecendo a distribuição de conhecimento como categoria essencial que determina a produção pelo construtivismo na divisão de trabalho. Intensifica e diversifica intersubjetividade reconhecida entre agentes e compreensões em sua experiência do mundo da vida diário.

Norbert Elias foi outro autor que esclareceu este fato. Os seres humanos produzem de acordo com habilidades institucionalizadas imediatas, mas se distanciam e também geram, interpretam e configuram seu *habitus* - as disposições constitucionais - através de maiores informações que são transformadas em conhecimento quando socialmente legitimadas. Esta consciência de transformar informação heterogênea é o que efetivamente moderniza as sociedades. Quando os atores sociais percebem uma vantagem de adicionar ao seu mundo outras habilidades que previamente faltavam pelo aprimoramento de capacidades específicas, desenvolvem uma *redução social fenomenológica*. As novas habilidades institucionalizam uma rede de conhecimento como média de riqueza social, o que que permite a hipótese sobre aumento de produtividade e começo de um longo ciclo de crescimento sustentado. Habilidades renováveis

---

<sup>11</sup> Uma *zona de relevância aplicada* é a zona onde se dá a aplicação intensiva de habilidades, onde a informação se transforma em conhecimento útil para posterior formação de ofício, profissão.

<sup>12</sup> Schutz, Alfred (1973) **The Structures of Life World**, compilada e co-escrita postumamente por Thomas Luckmann. Evanston: Northwestern Press

complementares poderiam ter amplos efeitos sobre a economia.<sup>13</sup> Thomas Courchene novamente, chama a este tipo de movimento de *glocalização*: níveis diferenciados de políticas formariam poderes subsidiários para cada plano de necessidade efetiva de cidadania, que se localizam em associações, cidades, sub-regiões, regiões entre outros. Enquanto isto, uma *ultra mobilidade* é também transferida a níveis ascendentes, na *era do capital humano*.

Aqui se revela a consequência deste movimento teórico para as sociedades americanas : o padrão de diferentes sociedades nas Américas pode ser comparado usando-se suas próprias experiências, pela apuração de quais estão preparando um movimento de cidadania qualificada. A comparação pode ser realizada graças a pontos de vista interdisciplinares, utilizando-se enfoques baseados na Filosofia, Sociologia e Economia. A Hermenêutica e a Fenomenologia provêm uma *Antropogênese Sociológica da Ação Hermenêutica*, mostrando como toda a ação interpretativa se forma, constrói e amplia. Estende-se os primeiros escritos de Edmond Husserl sobre fenomenologia, a escola da ação de Max Weber ampliada por Alfred Schutz, bem como a o neo-institucionalismo de Douglass North baseado na ação econômica que cria instituições. Ao se revelarem, os tipos sociológicos trans-americanos são verificados no momento em que configuram o seu próprio movimento de representação, que toma a forma política<sup>14</sup>.

## 2. Cidadania e diferente consciência

Para observarmos o caminho histórico e aplicado, primeiro distinguiremos o conceito central de **Americanidade** do conceito de Americanização. Compreendemos Americanidade como o sentido de viver e compartilhar o espaço comum de um continente e hábitos similares vinculados à necessidade de reinventar a localização européia em um ambiente em mudança.

Também pela agregação de pessoas de todas as partes do mundo como primeiros ou tardios imigrantes onde foi gerado um sentido trans-americano multicultural.

---

<sup>13</sup> Arthur, Brian W. Complexity and Economy, in *Science Magazine*, nº 284, 1999, pp.107-109 ; Dimers, Daniel (1998). Interpretative Spaces. How Interpretative Spaces constitute Virtual Organizations and Communities. **SfS**: University of St. Gallen; Heelan, Patrick. After Post-Modernism: The Scope of Hermeneutics in *Natural Science Conference After Post-Modernism*, Holland, 1997.

<sup>14</sup> Husserl, Edmond (1982). **Ideas pertaining to a pure phenomenology and to phenomenological philosophy**, London: Taylor Graham Ed.; Weber, Max (1999) **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora UNB; Schutz, op.cit; North, Douglass (1990) **Institutions, Institutional Change and Economic Performance** Massachusetts: Cambridge University Press.

A Americanidade difere, mas também inclui a visão específica de espaços abertos (como a “fronteira”, definida pela ética do pioneiro dos Estados Unidos, porque a Americanização pode ser entendida como afeição civil rebelde pelos espaços amplos de uma nova sociedade contra os territórios europeus fechados, como mostrada nos trabalhos do escritor estadunidense Henry Thoreau). Isto teve efeito para a construção dos Estados Unidos nas Relações Internacionais.

Em nossa análise, enquanto pensamos em termos de Americanidade, simultaneamente evitamos usar a noção comum de **Mundo Ocidental**, criada pela percepção dos europeus ocidentais vinculada à hermenêutica que enfatiza passagem da Era Medieval à Moderna que produziu o “outro” como o “povo oriental” e o “mundo oriental”. Como Edward Said perfeitamente mostrou, o “oriente” é uma criação “ocidental”, porque não há civilização “oriental”, mas um grupo de civilizações tanto no hemisfério oeste como leste. Mesmo discordando desta noção, Samuel Huntington também usa visão que implicitamente admite um olhar criado pelo oeste sobre o leste, em seu mais amplo paradigma civilizacional.<sup>15</sup>

Entretanto, é muito mais coerente se falar de uma “civilização européia”, que inclui “Europa Oriental”. As Américas resultaram destes hábitos, cultura e procedimentos, mas também do mundo *Ibérico*, visto como uma civilização fronteira. Mas ainda, as Américas foram também inventadas pelo encontro com aborígenes e com milhões de africanos importados. Como espaço multicivilizacional atual, as Américas nunca foram exatamente uma civilização européia, mas um *Território Europeu Cultural Reinventado*, que reencontrou o que os europeus consideravam o *outro*. Foi sua primeira redução à sua realidade.

Eventualmente, no começo do século XXI, as Américas começaram a criar a sua segunda **redução fenomenológica**, visualizando referências nas suas próprias civilizações e identificando-as entre uma extraordinária composição de diferentes culturas trazidas para o continente. Atualmente, esta perspectiva poderia propriamente ser chamada “**A Civilização Americana Emergente**”.

Consideradas estas questões, se pode perguntar: Quais os quadros destas civilizações americanas, suas principais raízes?

Há uma cidadania diferente emergindo para congregar campos de consciência em espaços econômicos renovados?

---

<sup>15</sup> Said, Edward(1978). **Orientalism**: NY: Pantheon; Huntington, Samuel (1997) **O Choque das Civilizações.E a recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva.

Evidentemente, devido à dificuldade de predizer o futuro, estas questões têm apenas respostas parciais.

### 3. Economia, cultura e historia

Se uma cidadania civilizacional significa um consenso mais amplo sobre vínculos culturais, as ainda divididas zonas americanas somente encontrariam seus vínculos na época fragmentaria pré e pós Colombiana.

Do século XIII até a Renascença emergiu o Direito Natural junto com os primeiros direitos de cidadania civil. Mais ainda, como diferentes autores observaram e sob ângulos distintos, os Francos e Anglo-saxônicos receberam amplas influências das Revoluções Comerciais Ibéricas. Um processo de vinculação de culturas se pôs então em andamento.<sup>16</sup>

Este processo foi estimulado pela reforma religiosa anglo-saxônica e o empirismo e levou adiante também uma construção empática racional de forma corporativa do *Estado Franco de Notáveis* - mas foi decisivamente influenciado pela avançada reforma política que a Ibéria fez por este tempo. Este última foi uma forma peculiar que evitou a confederação feudal por uma Monarquia Patrimonial, baseada na dominação pessoal absoluta do Rei, mas que também criou propriedade particular de caráter público do Reino. Constrangeu a nobreza aos seus domínios, não permitiu uma tradicional aristocracia de terras ou propriedade de terras pelo Clero, mas tinha conexões políticas. com as organizações municipais ("concelhos") regulados pelos estratos mercantis como parceiros dos empreendimentos marítimos.

Era modelo híbrido remanescente dos Estados Cidades da Renascença baseado na centralização de recursos, com uma produção de riquezas descentralizada, ajudando a inovar na produção industrial. A construção de um Estado de autoridade mercantil, empreendedorismo oceânico, armas e fogo, ferro forjado e **fim da cavalaria**, favoreceu a acumulação de capital e estruturas políticas que eventualmente levaram à Revolução Industrial.<sup>17</sup> O sistema político resultou das garantias evoluídas interculturais da Ibéria desde a hegemonia árabe do século VII,

---

<sup>16</sup>Desde o século XV, os portugueses foram construtores iniciais de um sistema mundial de aprendizado. Devezas, Tessaleno et Modelski, George, *The Portuguese as system-builders in the XVth –XVIth centuries: a case study on the role of the technology in the evolution of the world system*, Seminar at International **Institute of Applied Systems Analysis** : Laxemburg, 2006. Também Freyre, Gilberto(1947) op. cit., Giddens, Anthony(1987) **The Consequences of Modernity**.London: Pluto; Ribeiro, Darcy (1980) **As Américas e a Civilização**.Rio: Civilização Brasileira

<sup>17</sup> Faoro, Raymundo(1958). **Os Donos do Poder**.Porto Alegre: Editora Globo

que compartilhava inteligentemente elementos opostos das religiões Cristã, Judaica e Islâmica, cujos membros oravam juntos na mesma mesquita de Santa Maria de la Blanca de los Toledos.<sup>18</sup>

O famoso épico de Camões, **Os Lusíadas**, exaltou as descobertas com valores muito mais relacionados ao espírito de experimentação e verdades fundamentais da Renascença do que à imagem da ordem medieval de valores hierarquicamente definidos, como mostrou Lafer<sup>19</sup>. Visão tolerante similar ocorreria somente mais tarde na Era Anglo-Saxônica da Rainha Elizabeth, no século 17: Shakespeare escreve em 1603 seu sugestivo drama **Othelo** – o rei mouro. A Ibéria era uma fronteira étnica móvel - nem simplesmente Européia nem não-Européia, mas uma civilização intermediária entre mundos Africano, Hebraico, Árabe e Europeu. Isto gerou plano de civilização que operacionalizou “uma transição de redes de diferentes *climas, tipos de solo, raças, culturas, concepções de vida, complexos ecológicos entre a Europa e a América. Finalmente gerou uma contribuição Euro-Africana e Ibérico-Americana entre outras coisas*, ampliando produção de algodão com escravidão para a América do Norte”.<sup>20</sup>

A crise com o modelo Ibérico começou com as *Revoluções Salvacionistas Mercantis* baseadas em uma estratégia de Roma para restaurar a fé. O modelo descentralizado tornou-se logo burocracia persecutória atacando talentosos artesãos muçulmanos e sistemas comerciais judaicos, e também dinâmicos empreendedores.<sup>21</sup> Esta situação foi transferida para as Américas através da inquisição. A proibição da comunidade política e o papel em afastar investidores se transformaria em Estados altamente estratificados baseados em vários níveis de entendimento e poder. A regra foi a forma abstrata simpática de São Tomas de Aquino baseada em verificação de ordem geral de similaridade, aversão a troca lucrativa de ações civis. Distanciando-se do seu suporte primário na sociedade civil, estas zonas se transformaram nas até então desconhecidas periferias das inacabadas Revoluções Industriais através de honra patrimonial e níveis místicos de Monarquia e Hierocracia. A Revolução Industrial completa emergiria na Europa Nortista e liberaria cadeias de comércio através do espaço, **direitos civis de empreendedorismo** e troca de valor adicionado.

---

<sup>18</sup> Los Rios, Fernando de(1940) Spain in the Epoch of American Colonization in Concerning Latin American Culture New York, p.24

<sup>19</sup> Lafer, Celso, O Problema dos Valores em Os Lusíadas.in **Revista Camoniana**, Vol. II. São Paulo: USP, Instituto de Estudos Portugueses, 1965.

<sup>20</sup> Freyre, Gilberto(1975) **Brasileiro entre os outros hispanos**: Afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações(o) Rio: J. Olympio

<sup>21</sup> Saraiva, José Antônio (1909). **Inquisição e Cristãos-Novos**. Porto: Editorial Inova.

O capitalismo institucional nortista encontrou novas energias e desenvolveu contratos sociais com as fechadas guildas para encorajar troca e suprimento de novas condições para indústrias ampliadas.<sup>22</sup> Enquanto isto, a alternativa ibérica foi proteger as pessoas depois do intenso fanatismo ou perseguição, quando a Companhia de Jesus aceitou um leve protestantismo comunal de subjetividade hierárquica. Isto significava que o crente poderia sustentar o conhecimento pessoal a respeito de Deus, mas a fé deveria ser apresentada na **comunidade de crentes**: um sentido unificado de hierarquia através de uma corporação de espírito, visando criar uma ação *corporativo-comunitária*.

Diferenças nas Américas são altamente explicáveis desde momento em diante.

Se a suspeição ibérica foi dirigida contra experimentos utilitários e empreendedorismo, os peregrinos anglo-saxônicos estavam buscando regeneração na sua própria atividade individual constante por intensa aprovação de Deus e desconfiando do Estado – porque a pessoa foi transformada em um contratante impessoal natural e o credo calvinista engendrou a noção de orar pela graça da riqueza.

A precaução civil dos puritanos fundou o Governo como um contrato em 1620 em Plimouth contra a centralização e para defender liberdade de consciência. Esta prática utilitária foi logo rejeitada pela ordem de tipo simpática Ibérica e causou também desconfiança na racionalidade empática centralizada franca, onde o indivíduo permanecia como entidade abstrata no Estado - sub-entendido de forma genérica, com franquias limitadas. Estas formas duraram até o século XVIII e mesmo século XIX e contribuíram para criar sociedades realmente diferentes.

Cada discurso relevante diferenciado jogaria um papel sócio econômico essencial em expandir ou restringir novos níveis e habilidades no século XIX, quando as vantagens comparativas do comércio britânico ampliaram instituições civis para suportarem os investimentos industriais utilitários. Serviços avançados transformaram associações rústicas artesanais-agrícolas anteriores, enquanto economias subsidiárias exportadoras nas Américas foram guiadas pelas revoluções tecnológicas britânicas. Estas economias subsidiárias exportadoras formaram superávits, financiaram importações e trouxeram empréstimos, em cadeia econômica uniforme. A história destas cadeias econômicas foi largamente mal compreendida. Os equívocos

---

<sup>22</sup> North, Douglass (1981) *Structure and Change in Economic History*. New York, W.W.

mais comuns ocorrem quando se **compara a industrialização do continente com a industrialização dos Estados Unidos.**

Elas têm metas e contextos completamente diferentes. Pelo século XVIII, quando as 13 colônias tinham alguma capacidade manufatureira, incluindo siderurgia, a Catalunha espanhola exportava algodão para suas colônias e as proibiu de criar produção industrial de algodão. O Brasil era um exportador mineral e o Canadá era recente assentamento agrícola anglo-franco. Mais ainda, no começo do século XIX, depois da independência dos Estados Unidos, o Canadá foi temporariamente proibido pela Inglaterra de criar certas industriais pelo temor de competição.

O principal aspecto aqui, é que o relacionamento da Inglaterra com suas 13 colônias iniciais foi um tipo de colonialismo gradualmente *cooperativo*, um sistema muito diferente do inter-ibérico. Significava uma divisão cooperativa em modelo de escala de divisão de trabalho e periódica permissão para substituir importações se as colônias pudessem gerar receitas de impostos para acompanhar o desenvolvimento londrino – isto ocorreria só mais tarde no Canadá. O Governo inglês tolerava governos responsáveis que foram concebidos à base de diferenças graduais apresentadas em indústrias transformadoras na metrópole e colônias. Havia uma divisão de habilidades relativamente comparadas, que ampliaram os **meios coloniais de pagamento.**<sup>23</sup>

Enquanto isto, as metrópoles ibéricas competiam e proibiam a produção colonial – e isto reforçou diferentes sistemas estruturados de conhecimento em ambas as Américas. A Inglaterra operou um reducionismo do seu estilo colonial – mas não uma redução sociológica mais ampla – em diferentes partes do continente. Um interface entre as Américas e Europa decresceu o preço dos bens agrícolas para o consumo europeu através de exploração de novas terras férteis e adicionou alto valor de produtividade.

Primeiramente, envolveu o comercio externo da América do Norte para a Europa, e este fato aumentou a renda local e trouxe imigrantes de varias partes do velho continente. Uma rápida industrialização se seguiu nos mercados que já tinham vantagens relativas para produtos industriais e trabalhadores industriais habilitados. Entretanto, estes imigrantes transplantados das regiões interculturais européias, logo criaram auto-identificações diferentes, uma vez que reconheceram a si mesmos como Europeus com *formas de vida diferentes.*

---

<sup>23</sup> Smith, Tony(1981). **The Pattern of Imperialism:** the United States, Great Britain, and the Late-Industrializing World Since 1815. Cambridge and New York: Cambridge University Press.p.45-67

Uma nova sociedade civil começou a crescer e também conflitos por mais comércio renovável e industrialização. Traduzida principalmente através de conflitos por impostos, estas novas visões foram expandidas nas revoltas canadenses anglo-francesas de Mackenzie e Papineau contra a Monarquia Britânica em 1837 bem como na Guerra Civil no Norte dos Estados Unidos contra os produtores de algodão do Sul a favor da aristocracia britânica.

Revoltas similares ocorreram no *sul do Brasil em 1835*, em luta visando uma República contra impostos de uma Monarquia central endividada pró-londrina. Conflitos também ocorreram com argentinos, uruguaios, chilenos do centro-sul, e finalmente com costarriquenhos na primeira parte do século XX. Todos os grupos coloniais que expandiram a agricultura européia buscavam industrialização complementar entre situações financeiras constrangidas.<sup>24</sup> Neste contexto, os Estados Unidos tomaram precoce liderança redirecionando o fluxo de capital, Como Hannah Arendt claramente mostrou, a Revolução Americana de 1776 foi feita contra a **aristocracia e aumento de impostos**, mas não havia opressão da miséria. As treze colônias tinham terras, e os homens não estavam submetidos a corporações de guildas ou Absolutismo Real.<sup>25</sup>

A maioria dos ibéricos ficou ainda dividida entre a possibilidade de associar suas zonas ao modelo inglês ou conformar-se a assim chamada alcunha de **Latina** como uma *outra consciência*. Esta atribuição se integrava à influência política francesa representada por uma estratégia geopolítica que *tirava vantagem da metamorfose de vínculos culturais* baseados no Latim e na legislação romana que Napoleão III e seu conselheiro Michelet usaram para dividir a região contra o Império Britânico.<sup>26</sup> Esta influência corporativa teve importante papel em postergar uma sociedade civil institucionalizada e sua realização complementar, a *industrialização*.

Para os mexicanos, a resistência pós-colonial contra os anglos nortistas e a predominância inicial hispânica gerou o curioso e distorcido padrão de **latinidade**, uma concepção difusa no

---

<sup>24</sup> Furtado Celso (1970) **Formação Econômica da América Latina**. Rio: Lia.; e **Análise do Modelo Brasileiro**. (1972) Rio: Civilização. A permanência dos sentimentos independentes no estado do Rio Grande do Sul deve-se a questões entre opções de mercados interno e externo que o aproximavam ou afastavam da Federação intermitentemente, em paradigmas federativos brasileiros sempre incompletos ao longo da República. Já sobre a questão de representação do outro em exclusão e inclusão nos signos ibero-americanos, ver Fernando Andacht, On (mis)representing the Other in contemporary Latin-American iconic signs in Exclusions/ Economic and Symbolic Displacements in the Americas (dir.ed. D.Castillo Durante, A.Colin et Patrick Imbert. **The Americas Series**, vol 4, Ottawa, Université d'Ottawa, Legas, 2005, p.106

<sup>25</sup> Arendt, Hannah (1988). **Da Revolução**. São Paulo: Editora Ática

<sup>26</sup> Pode-se referir aqui à invasão do México pela França ou tentativa de anexação do Equador por Napoleão III

imaginário de algumas elites mexicanas. Foi curiosamente preferida ao *Iberismo*, embora houvesse a questão importante miscinegada indígena. Esta denominação foi uma das grandes questões das **zonas fraturadas** como observadas por Ribeiro.<sup>27</sup> Estas eram habitadas por **Povos Testemunhos** e pela memória estagnada pós-colonial de Astecas, Maias, e nas zonas mineiras dos Andes de peruanos, bolivianos, chilenos do norte, mas também paraguaios e argentinos nortistas, que conviveram com um setor completamente estrangeiro dirigido para exportações e incapaz de gerar mudanças econômicas.

As zonas da **Euro-Africa**, que Freyre descreve como motivadas por um sentido de tempo combinado no espaço e inovações cooperativas de trabalho, se transformaram em zonas híbridas. Estas zonas cobrem a população dos brasileiros do Centro-Nordeste, venezuelanos, colombianos. Têm padrões de escravidão similares de trabalhadores sub-qualificados. As plantações culturais Euro-africanas orientadas em direção à *Europa externa* estabeleceram um modelo de produção transcultural tropical de produzir açúcar competindo com outras colônias britânicas e mais tarde competindo com o açúcar e tabaco produzido no sul dos Estados Unidos.

Quando o progresso da sociedade civil dos Estados Unidos finalmente substituiu o trabalho escravo por pago, deixou uma parte híbrida de migrantes sulistas criando uma **região de fronteira móvel** porque a substituição de aristocracias sulistas manteve oligarquias de terra competindo com o empreendedorismo urbano associado nortista dos **Yankees**. Sua democracia baseada em **juízos dos júris e audiências públicas** seria gradualmente reformulada e transformada em poliarquias limitadas, começando a concentrar o investimento

Os **pioneiros**, para quem o mito de eterna conquista móvel em espaços abertos de fronteira havia se ido, juntaram-se às aspirações dos Yankees de pragmatismo econômico e a necessidade de por um fim à aristocracia. Para isto, a religião, artes, e cultura foram repensadas no contexto da mobilidade social.<sup>28</sup> Esta nova cultura logo se chocou com os mundos herdados dos francos e ibéricos para quem a assim chamada modernização gerava um sincretismo de elementos do pioneiro rural e suas aventuras individuais que dominavam sobre as urbanas. As

---

<sup>27</sup> Ribeiro, Darci, op.cit

<sup>28</sup> Há um bom perfil sobre o *pioneer* estadunidense comparado com o explorador bandeirante brasileiro in Moog, Vianna (1956) **Bandeirantes e Pioneiros**. Porto Alegre: Editora Globo, p. 72. Para uma comparação entre o “coureur de bois” no Canadá francês e o bandeirante brasileiro, ver: George Lang, Trajets parallèles et destins divers du voyageurs canadiens-français et du bandeirante brésilien in **Les discours du Nouveau monde au Canada français et en Amérique latine au XIX<sup>ème</sup> siècle**/Los discursos del Nuevo Mundo em el Canadá francófono y en América Latina em el siglo XIX (1995) Marie Couillard et Patrick Imbert, eds. Ottawa: Legas, p.123-130.

relações indeterminadas de etnoclasses indiferenciadas, incluindo afro descendentes, tomaram uma forma sincrética de **Americanização** como modernização de sociedade de massa em um *melting pot*. Era uma dinâmica que obscurecia o fato de que apesar das diferenças originais, há de fato uma modernidade de raízes comuns reunindo anglo-saxões, ibéricos e francos nas Américas. É baseada no esforço de reinventar **formas compartilhadas civis de Governança** que sucedam a herança aristocrática oficial europeia para criar uma cidadania cívica.

#### 4. Pan Americanismo e Americanidade Cívica

Da **Conferência Internacional Americana de 1889** e da **Doutrina Monroe** – um ideal muito difuso de Americanização contra o colonialismo europeu, e a criada **Doutrina Bolivariana** - com muito Iberismo - as Américas tiveram 105 anos de diferentes discursos até 1994 e o começo das negociações da Área de Livre Comércio. O que claramente emerge somente de forma recente é a percepção de uma nova agenda que inclui diferentes ativos como *padrões culturais*, inovações de direitos civis, capital social, e a avaliação sistemática dos específicos e fragmentados programas de 1930 a 1980 do *Estado de Bem Estar Social*.

Se todos estes elementos fossem seriamente considerados, resultariam em uma **concepção pós-europeia** do continente. Especificamente com relação ao Bem Estar, há um entendimento mais claro de que foi um experimento controvertido originado nas visões de elites marcadas por tradições culturais europeias e seus benefícios transplantados, ao invés de processos visando direitos completamente desenvolvidos e tomando em conta dinâmicas continentais de cidadania. Seria uma cópia das três originais sucessivas fases que lidaram com os direitos civil, político e social bem definidos na famosa construção de Thomas Marshall.<sup>29</sup> Estes direitos completamente desenvolvidos somente seriam possíveis através de continuados crescimentos de mercados internos de consumo e renda, poupança e investimentos de Estado.

Entretanto, cada região nas Américas tem padrões de estratificação social muito diferentes. O generalizado avanço de direitos civis, para alcançar outras reformas, seria condicionado pelo crescimento de produtividade, similar a contratos entre agentes econômicos. Estes direitos sempre requerem a formação de renda bruta e compromisso com crescimento do PIB – e o déficit de desenvolvimento humano ainda coloca ameaça contra uma participação equitativa da Boa Governança. Quando se considera a presente agenda de políticas fiscais,

---

<sup>29</sup> Marshall, Thomas(1967) .**Cidadania, Classe Social e Status**.Rio: Zahar Editores

embora haja consenso de seu pré-requisito para melhor produtividade, ela também traz discurso monetário com as mesmas negativas conseqüências das primeiras reformas pretendidas do **Pan-americanismo dos anos 1960**. Ambos contém a idéia de projetar o passado dos Estados Unidos como caso exemplar a ser atingido. Assumem que a grande diferença entre regiões poderia ser eliminada ou simplificada somente pelo sucesso no planejamento de alocação de capital *depois da reforma fiscal que induziria a capacidade dos agentes de mercado*. O investimento resolveria as assimetrias.

### 5. Sociedade civil e Capital Social

O novo movimento da sociedade civil que gradualmente originou desde os anos 1980 a **ação de Capital Social**, começa a mudar esta visão grandiosamente errônea: como foi visto, os Estados Unidos são um exemplo singular de precoce geração industrial e formação de receitas adicionais ao Reino Britânico, que culminaram com uma *revolução transformadora que inverteu campo de habilidades e capital*. A Guerra Civil reforçaria esta formação na **homogeneidade social e distribuição de conhecimento em médias de qualificação e formação de capital**. Desenvolvimento, como o próprio caso dos Estados Unidos indica, inclui uma transformação societal que **recontextualiza** relações tradicionais, e ainda no século XIX após a Guerra Civil, houve reformas em propriedades agrárias e apoios em modos de gerenciar educação, saúde e métodos produtivos por ação comunitária intensiva, com grandes invenções. Há hoje crescente percepção de que melhores e mais eficientes instituições podem ser criadas se mudanças são assumidas pelos atores de acordo com suas diferentes dimensões. Seus recursos disponíveis aumentam quando compartilham cadeias evoluídas de experiência de conhecimento.

Conceitos progressivos como **equidade** foram conceitualmente mudados para incluir **dimensões de gênero**, respeito a **grupos étnicos e minorias**, ao **ambiente**, equidade **intergeracional** e outros aspectos humanos. Estas percepções cívicas renovadas começaram com a consciência de que mudanças não podem ser levadas adiante somente por organizações governamentais ou setor privado, mas também por organizações sociais e ações comunitárias.

A Reforma do Estado está buscando convergência que necessita novas competências dos cidadãos como as de *lideranças empreendedoras sociais, trabalhadores de conhecimento, lideranças sindicais, associações civis, organizações feministas, líderes aposentados experientes e organizações ambientais*. A visão dos anos 1990 da rede de Capital Social se moveu para além

da divisão entre papel de Estado e setor Privado. Esta tendência a reinventar associações não é estranha à formação do continente, onde a mobilidade social é diferente da rigidez do status fundamental europeu onde houve tradição de democracia aristocraticamente constituída. Autores muito diferentes como Francis Fukuyama, Robert Solow, James Coleman, Robert Putnam e John Durnston perseguiram a seguinte linha de pesquisa: **O que é Capital Social e como funciona?** <sup>30</sup>

Apesar das difusas concepções do mundo acadêmico, das sociedades civis, partidos políticos e agentes sociais, todas as definições focam na *implementação de confiança, reciprocidade e cooperação em gerar recursos, criação de valor adicionado, em diferentes tarefas cooperativas, e distribuição da informação que realmente estimula e dá vantagem à sociedade.*

Fukuyama considera normas compartilhadas e valores que **promovem cooperação social e medem fins econômicos.** Para Solow, embora a expressão “**capital**” não seja adequada porque é homogênea, fungível e mensurável, a força de relações sociais cria valor agregado na vida econômica. Coleman a considera uma estrutura criada por capital humano por si mesmo, baseada em confiança, reciprocidade e normas coletivas. Putnam o segue afirmando que comunidades cívicas utilizam os benefícios da cooperação. Finalmente, Durnston estatui que o capital social amplia **iniciativas individuais e comunitárias** e também cooperação pessoal e impessoal, para compensar recursos, organizações e instituições difusas, e práticas.

O que estes autores confirmam é que a sociedade tem um pertencimento ampliado dos vínculos internos familiares, associações até as relações multibiográficas, que só é bem sucedido quando reconhece diferentes características de cada grupo. A transferência uniforme de **capital dominante abstrato impessoal** provou não ser confiável suficiente para agentes que constroem um modo comunitário de desenvolvimento sustentado. A criação de dinheiro é apenas **parte do pagamento.** A confiança pode ser adquirida por uma rede de empreendedores em campos relacionados de capital social vinculados a diferenças culturais. Neste caso, a sociedade civil

---

<sup>30</sup> Fukuyama, Francis (2001) Capital social y desarrollo: la agenda venidera, in **Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe:** Capítulo II, CEPAL Solow, Robert (2000) Notes on social capital and economic performance, in **Social Capital: A Multifaceted Perspective,** Ismail Serageldin y Partha Dasgupta (comps.), Washington; Coleman, James S. 2000. Social Capital in the Creation of Human Capital. In: Eric Lesser (ed.) **Knowledge and Social Capital.** Boston: Buerworth & Heinemann, 2000: 17-42; Putnam, Robert. (1995). Tuning in tuning out: The Strange Disappearance of Civic America. PS: **Political Science and Politics,** Vol. 28, Nº 4 (Dec., 1995), 664-683; Durnston, John (2002). Capital Social: parte del problema, parte de la solución. Su papel en la persistencia de la pobreza en America Latina y el Caribe, in **Capital Social.** Santiago: CEPAL

está sendo ampliada por **outros direitos civis** uma vez que a competição étnica pela influência e apropriação de parte do dispêndio público e posições resulta em *movimentos culturais de cidadania*. Estes movimentos vieram complementar as chamadas **sociedades de massa asim definidas por muitos pensadores dos anos 1950 até começo dos anos 1970**. Estas sociedades foram representadas por agregação etno-cultural de **classes miscigenadas** em consumo.

Sua singularidade foi baseada na tradicional cidadania civil de *uma família formulada como time patriarcal de consumidores*. Desta fase uniforme industrializada de etnicidade acomodada, as nações americanas, tendo o Canadá à frente, estão evoluindo para uma congregação de direitos através de uma sociedade aberta com resultados produtivos. Banting et Kimlycka (2003) mostraram que, contrariamente ao senso comum, “*é valioso notar, que a desigualdade em 1999 foi levemente mais baixa do que no começo dos anos 1970, quando o Canadá começou a desenvolver suas políticas multiculturais*”.<sup>31</sup>

Apesar da falta ainda de estudos mais aprofundados, há clareza de que a regulação multicultural canadense não apenas evitou polarizar a sociedade em linhas étnicas, mas ampliou educação comum enquanto aprimorava **potencialidades diferenciadas**. É um resultado promissor, uma vez que pesquisas empíricas preliminares mostraram que divergências sociais de barreiras sociais de comunicação afetam a produtividade.<sup>32</sup> A cidadania interconectada de movimentos sociais institucionaliza sociedades civis por formas judiciais que organizam demandas e relações com atores mais poderosos. Cria vínculos entre decisões e formuladores de decisões e serve aos demandantes de serviços – aumentando a capacidade e competência dos atores civis para interferirem na produção legislativa e ampliarem direitos sociais.

Esta **conexão continuada tem dinâmica social distinta** embora em relacionamento apareça como uma unidade coletiva sob parceria, evoluindo através do multiculturalismo. Isto é diferente de vários movimentos ibéricos que se enraizaram na forma de *universitas comunitas* – ou uma unidade orgânica de hierarquia.<sup>33</sup> Há hipóteses de que este tipo último de corporação universal tenha produzido desigualdades no desenvolvimento social ibero-americano, ao impor

<sup>31</sup> *in* Do multicultural policies erode the Welfare State?(2003), Queen’s University. Paper to the Conference New Challenges for Welfare State Research, **International Sociological Association**, Toronto.

<sup>32</sup> Grafton, Kentin; Knowles, Stephen and Owen, Dorian (2002). Social divergence and productivity: making a connection, in **Review of Economic Performance and Social Progress**, pp.203-224, Ottawa.

<sup>33</sup> *Universitas* foi substituída através da história pela *societas* – uma união de Estados associados em um contrato onde indivíduos entram em sociedade. in Gierke, Otto (1951). **Natural Law and the theory of Society** – 1500 to 1800. Boston: Beacon

sincronias cognitivas de baixa densidade e relações assíncronas – verificáveis na ampla população dependente de reprodução de **profissões tradicionais**. Devido ao crescimento de heterogeneidade desqualificada e baixa produtividade, houve desigualdade e estratificação social reordenada, em sucessivas ondas de processos étnicos de classe, enquanto o **constante trabalho de baixa renda** manteve pequenos mercados de consumo. Nos anos 1980, **novos movimentos sociais ocorreram com o choque de transição entre classes e níveis de grupos excluídos**.

No momento em que um novo ciclo se abria, sociedades mais organizadas de direitos civis substituíram a representação de tradicionais sindicatos corporativos de empregados ou empregadores com seus desatualizados contratos sociais. Embora propostas neoconservadoras e neoliberais identificassem fortemente qualquer alternativa transamericana somente com uma reforma baseada em estrita **economia de mercado** privada tradicional, evidências também mostram importante presença de uma sociedade diferente, conectada com responsabilidade civil.

É a possibilidade de transformar a face de uma economia liberal de tipo excessivamente Difusa, sem voltar a um Estado tradicional com senso superprotetor intervencionista.

#### **6. Padrões emergentes: quarta cidadania, corporações e Governança**

Ambos os hemisférios das Américas estão reavaliando suas opções e seus valores intercambiáveis. As sociedades anglo-saxônicas nortistas reexaminam a sua idéia de **individualização radical** na busca pelo igualitarismo nos níveis individuais como sinônimo de oportunidades iguais. Esta crença na extrema igualdade de oportunidades se origina na prática fundamental da fé e da ação comunitária religiosa que não percebeu que a prática igualitária não é homogênea, pois ela é exatamente o **reconhecimento de diferença entre normas compartilhadas reconhecidas**. A diferente produtividade, por exemplo, é transferida dos trabalhadores mais competentes para os menos competentes seguindo diferentes momentos potenciais de aprendizado, em tempos sociais relativamente diferentes.

O que permanece presente é a decisão de acelerar a transferência e capacidade de aprimoramento. Esta dinâmica é central tanto no social liberalismo como na social democracia. São regimes semelhantes, e o último é mais propenso à ação do Estado do que o primeiro. Se o contrário fosse verdadeiro com extremo igualitarismo liberal, haveria um **liberalismo**

**conservador indiferente** com níveis uniformes e vínculos sociais debilitados isolando a competição no nível apenas individual, baixando a produtividade.

Evidências mostram que isto ocorreu nas sociedades mais conservadoras. Os vínculos sociais são *estocados ao mínimo nível de uso para a vida social diária*. Acumulação de ressentimentos civis podem fazer também **decrecer a produtividade total** porque, como visto antes, a produtividade resulta de potencialidades diferentes e oportunidades que são ampliadas e intercambiadas conforme diferenças, enquanto maiores barreiras na comunicação social aumentam custos sociais. Isto pode explicar a queda persistente de produtividade durante o período Thatcher na Grã-Bretanha, embora o sucesso na luta contra a inflação e aumento na lucratividade para acionistas. O emprego decresceu e a renda disponível foi altamente concentrada.<sup>34</sup>

O famoso ascetismo intramundano abstrato e uniforme que Max Weber identificou nas sociedades orientadas pela ética da Reforma Protestante alcançou o objetivo de investimento de capital, mas muitas relações pessoais foram convertidas em riscos calculados para socialização diária, evitando expandir formas de associação cooperativa. O sentimento comunitário foi separado de acordo com cada orientação de fé e vinculado ao indivíduo. Com a presença de *movimentos étnicos e a chegada de imigrantes de diferentes crenças* no presente, despertou-se uma etnicidade congregativa diferenciada e uma cultura que são princípio de experimento para as sociedades norte-americanas.

Por outro lado, no Sul, o exemplo nortista de mobilização ativa visando aumentar a necessária *controlabilidade* de eleições, com sociedades civis organizadas e *media* atentas, está sendo seguido pelas sociedades ibéricas. Estas sociedades também começam a usar o Poder Judiciário – em processo mais amplo de **judicialização política**. Reformas constitucionais deram outro papel a este Poder, primeiramente na Carta de Direitos Canadense de 1982, seguida pela Constituição Brasileira de 1988 e a Argentina de 1994, entre outras. A confiança cooperativa congrega a sociedade e mantém a clássica busca de *liberdade como auto-interesse* que os

---

<sup>34</sup> Há dados consolidados da produtividade histórica da Grã-Bretanha mostrando a performance. O resultado por pessoa empregada cresceu 3.2% ao ano nos anos 1960, mas nos anos 1970 e 1980 a taxa caiu para apenas 1.6% ao ano. Nos anos 1990, não houve nenhuma melhoria. **The Economist.com**, de 19 de janeiro de 2006 trouxe uma edição sobre a produtividade britânica, mostrando que o País ainda se retarda em comparações internacionais. Em 2004, o resultado por hora trabalhada era 19% mais alto na França, 15% mais alto nos Estados Unidos e 5% mais alto na Alemanha.

imigrantes vindos para a América consideram *busca de autonomia*. Mas isto é conectado com a crença em uma *busca renovada da capacidade comunitária* como caminho para empoderar indivíduos como pessoas morais, agentes sociais. Ambas as noções pertencem à revolução associativa criada pelas “ **Organizações Não-Governamentais**”.

Esta quarta geração de cidadania está, portanto pronta para ir além dos direitos coletivos uniformes que produziram os Estados Nacionalistas Populistas com suas *Assembléias Gerais*. Simultaneamente, também tendem a contestar a ruptura radical neoliberal feita com o passado, em concepções superficiais de modernização. A real modernidade das Américas se verifica em economias com etnias diferentes que estimulam comparações desta diferença para buscarem uma etnia social em uma sociedade de mercado que começa a avaliar e distribuir produtividade.

Isto se torna mais claro tanto nos textos de Rogers Brubaker como de Rhoda Howard Hassmann. Brubaker mostra que a construção social cognitiva de raça, etnicidade e nação pode também levar a uma **agenda construtivista focada em atividades de normas comuns na vida diária**. Valores são avaliados pelas contribuições de cada campo diferente qualificado. Se a etnicidade é compreendida como uma forma de entender, interpretar, e formular experiências, as descobertas empíricas revelaram mais ainda que raça, etnicidade e nacionalismo têm microdinâmicas que estão vinculadas a macroníveis de estruturas e processos.<sup>35</sup>

Em Howard Hassmann, a etnia social se mostra construída, e formas políticas têm responsabilidade nesta construção. Como no caso canadense, onde tanto os nascidos de imigrantes como os imigrantes têm demonstrando em pesquisas sentir-se canadenses, porque vivem dentro de uma realidade onde constroem oportunidades em meio aos nascidos de várias imigrações anteriores. A política do multiculturalismo permite e até encoraja os canadenses a reterem aspectos ancestrais de seus costumes e sua língua, mas o que se verifica é que isto não desfaz a tendência da maioria em se tornar canadenses étnicos.

O liberalismo multicultural aceita a contribuição de grupos diferentes para o aprimoramento do próprio *canadianismo* e aumenta a participação diferenciada, estimulando produtividade e evitando comunidades fechadas. A população tornou-se crescentemente favorável a casamentos interétnicos e apenas 15% discordam de casamentos interraciais. Formam-se comunidades socialmente negociadas pelos participantes, de uma sociedade

---

<sup>35</sup>Brubaker, Roger, Loveman, Mara and Stamatov, Peter (2000) *Etnicity as a cognition*. Grupo de pesquisas. Los Angeles: UCLA, University of Wisconsin-Madison e Yale University

civil compartilhada. A etnia canadense se afirma nos costumes comuns, crenças e rituais, normas e convenções sociais. O reconhecimento das diferenças gera novos resultados sociais.<sup>36</sup>

Estas constatações autorizam a hipótese de que quando as competências são variadas, aprimoram inter-potencialidades não mensuradas no modo uniforme da segunda revolução industrial. Na sociedade pós-industrial e para além da validação de mitos comuns e símbolos de fronteiras territoriais, emergem **direitos cívicos**. Forjados pela solidariedade de memória compartilhada e símbolos de padrões de linguagem pelas instituições educacionais, mas completamente diferentes da segunda revolução, quando a Nação era uma **empresa educacional de multidão**. Nesta, o tempo social preenchia o que Alain Touraine chamava de *completa historicidade*, e era ocupado pelos estratos sociais com seu lugar na produção, fazendo a sociedade identificar-se com suas instituições sociais e econômicas como legitimação de classes sociais que a dominavam. A gradual emergência da sociedade pós-industrial diferencia estratos e serviços diferentes pelos seus campos de ocupação, que também transformam a sociedade em “uma criação e representação para si mesma e não para outras finalidades”.<sup>37</sup>

Se homens e mulheres diferentes compartilham normas comuns tácitas e explícitas e dividem modos de viver e crenças – embora seguido divirjam em ritos e valores que compartilhem – as nações avançadas gradualmente compartilham **modelos de vínculos étnicos**. Produzem novos espaços para ampliar rotinas que mudam territórios corporativos. Este fato foi também observado por Patrick Imbert, quando o autor começou a investigar diferentes dinâmicas de culturas locais nas Américas. As comunidades compartilham espaços renovados que podem imediatamente transformar estruturas familiares pelo mundo de rede porque mudam a dimensão de rotinas em qualquer lugar.<sup>38</sup> Elas mostram o desejo de *redefinir sua própria historicidade*.

Porém, se a Americanidade aparenta ser a base de nova etnicidade social – um direito civil que completa a primeira cidadania civil e tem o sentido de despertar para tradições do continente – esta transformação teria que ser confirmada na *nova Governança, vinculada às mudanças nas corporações privadas*. Esta é uma questão muito importante, uma vez que estas organizações são pessoas morais que operaram primeiros **deslocamentos territoriais** em

---

<sup>36</sup> Howard Hassmann, Rhoda “Canadian” as an ethnic category: implications for multiculturalism and national unity, in Canadian Public Policy, Vol. XXV, n° 4, 1999

<sup>37</sup> Touraine, Alain (1994) **La Société Pós-Industrielle**. Paris, Fayard

<sup>38</sup> Imbert, Patrick (2001) Postmodern and postcolonial dynamics and the local cultures in Canada, Mexico, United States and Latin America, in <http://www.uottawa.ca/academic/arts/lettres/discours/mondialisation/htm>

fronteiras continentais abertas. Corporações avançadas já se organizam pela forma empreendedora de tipo federal. Elas já confederam diferenças sob parcerias utilitárias, mas o papel discutido da Responsabilidade Social Corporativa ainda não se combinou em uma forma estruturada de Capital Social, gerando responsabilidades comunitárias crescentes.

A compreensão jurídica anglo-saxônica de sociedade civil percebe a **representação de direitos de propriedade da corporação** como direitos civis plenos de pessoas morais. As companhias têm liberdades básicas iguais como qualquer pessoa ou **associação de indivíduos** e têm poderes delegados de pessoas. Cada corporação é uma pessoa moral plena na lei com completa confiança para atuar e deliberar e frequentemente concentra grande poder <sup>39</sup>. Estas companhias foram criadas sob liberdade de uma **democracia corporativa**, somente se submetendo à arbitragem civil contra o anterior **Estado Real Absoluto**. As culturas ibéricas e francas têm clara resistência a esta visão, porque têm a idéia de uma sociedade corporativa popular através da **estratificação do território** e vêem a democracia como ordenação do Estado pelo Estado, em agentes políticos modificados.

Uma idéia mista intermediária da livre empresa anglo-saxônica com a comunidade deliberativa de associação pela democracia judicial (pois o conceito tanto ibérico como franco do Estado de Direito converge com o **rule of law** anglo-saxão) poderia ser o próximo passo coerente no avanço de um Estado de **acionalismo compartilhado** – que foi o que construiu nos Estados Unidos o que se chama de « democracia de acionistas ». Talcott Parsons o observou como um padrão central naquele país. Várias organizações, sindicatos, instituições de aprendizado e sociedades de inovações atuam hoje como sociedades pós-capitalistas, porque visam resultados sociais, congregadas em lei por fundos mútuos, fundos de pensão, poupanças de aposentados e outros acionistas seguradores. Nos Estados Unidos, esta figura é chamada de **empreendedor social**, e difere do **empresário de negócios** porque busca investimentos com lucros sociais em amplos círculos de atividades socialmente conectadas, investimentos de pesquisas, escolas e representa ao redor de 30% do PIB. O capital de empreendedores já desenvolve uma cadeia muito mais ampla de acionistas, pois a propriedade é transformada em valor adicionado de conhecimento, como antevista por Peter Drucker, em “The Learning Organization”<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Freitag, Michel, (1996) La métamorphose, gèneses d’une société pós-modérne en Amérique. **Société**, n.12-13, Montreal: Canada

<sup>40</sup> Ver a série de Peter Drucker sob o título de The Age of Social Transformation, **Atlantic Monthly**

## 7. Conclusões

Nas Américas, a rota para o desenvolvimento pode ser ampliada através de **campos de consciência complementar** no sistema de aprendizado de uma concepção pós-Européia amadurecida. Isto pode ser aberto pelo aprimoramento da **produtividade** de diferentes sociedades, deferentes realidades trans-americanas, bem como maximizando tendência a construir direitos civis de cidadanias congregativas.

A idéia de um paradigma pós-europeu, evidentemente toma em conta instituições européias herdadas, modificando-as em um novo ciclo de representação e desenvolvimento das próprias instituições americanas, em configuração com instituições européias das quais partiram.

Como foi visto, está em andamento uma nova dinâmica vinculada a direitos cívicos, como conceituada por Jeffrey Alexander. Difere dos primeiros direitos civis ao reconhecer solidariedades compartilhadas que se complementam, mas que não são mais niveladas estreitamente como as anteriores<sup>41</sup>. Estas solidariedades juntam aspirações, metas e valores para distribuírem benefícios aos menos capazes nas sociedades.

As evidências mostram que **quanto mais eficiente a ação cívica, mais próxima a distância entre acordos e distribuição de conhecimento** que qualifica para a homogeneidade e produtividade básica. Embora direitos nacionais e deveres ainda venham a continuar atuando em documentos relevantes, direitos econômicos ou Governos, residência ou vínculos genéticos, uma cidadania diferente pode ser gerada por **níveis ampliados de compreensão**. Isto demonstra importância e urgência em disseminar elaborado nível de **educação**, especialmente nos países ibéricos: na idade de 25 anos, os 10% mais ricos têm de 5 a 8 anos de educação extra em comparação com os 30% mais pobres. Um **empreendedorismo social** pode ampliar o sistema político. Esta possível quarta geração de direitos seria típica forma de desenvolvimento trans-americano de Capital Social a re-especializar anterior Estado de Bem Estar de modo criativo. Poderia também auxiliar convergência em uma democracia multidimensional do século XXI.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Alexander, Jeffrey (2003) **The meanings of social life** A cultural sociology. New York: Oxford

<sup>42</sup> Hardin, Russel. Street Level Epistemology and Democratic Participation in **The Journal of Political Philosophy** v.10, number 2, NY, pp.212-229. Demandas de conhecimento nas democracias avançadas reivindicam além do tradicional Estado Industrial por Saúde, Educação Universal, Salário Mínimo, Imposto de Renda. Temas como Ambiente, Militarismo, Segurança, Pesquisa Científica, Descobertas da Saúde, Engenharia Genética, são vistos fora dos conflitos de orçamentos, por benefícios proporcionais a eleitorado multidimensional, com padrões diferenciados.